



ROUSSILLON.

O ANTIGO condado do Roussillon era apenas uma parte da extensão de territorio que depois teve esse nome, e hoje incorporada na França fórma o departamento dos Pyrenéus. Esta região chamava-se em tempos remotos *regio sardonum*, verosimilmente por causa de uma colonia que os romanos para ahi levaram da Sardenha. A cidade de *Ruscino*, colonia romana, foi a que deu nome á comarca de que era capital, e foi n'ella que os reis celtas tectosagos, no anno 536 de Roma, se ajunctaram para deliberar nos meios de impedir a Annibal atrayessar os dominios d'elles, por temor de que attentasse contra suas liberdades. Presume-se, porém, que esta cidade fôra destruida ou pelo menos assolada pelos vandalos ao entrarem na Hespanha. Já não é mencionada Ruscino na historia da expedição do rei Vamba contra o duque Paulo, escripta no reinado d'aquelle principe por Juliano, bispo de Toledo, posto que n'ella se falle de Elne e de todas as fortalezas da região o mesmo silencio se observa no julgamento publicado então contra os rebellados, e que é uma relação abbreviada da expedição: finda esta, ao voltar a Hespanha, Vamba demorou-se dois dias em Elne, que, sem duvida devia ser a cidade mais importante: Constantino dera-lhe o nome de Helena em honra da imperatriz sua mãe; não é pois para admirar que ella fosse a capital do Roussillon depois da ruina de Ruscino, de que já não ha memoria no dominio dos visigodos.

O castello do Roussillon está edificado no assento da antiga Ruscino a uma legua de Perpinhão. Ainda se encontram em excavações medalhas romanas, e alicerces de edificios que mostram ter sido extensos; em 1768 se desenterraram numerosas columnas, capiteis, cornijas e varios sócos de marmore. — Da cidade não restam mais vestigios que uma torre notavel por antiguidade, fragmentos de banhos publicos, e alguns pedaços de muralha: a torre é redonda e em posição admiravel, apparece de longe denegrida pelos seculos. Muitos pardieiros, obra de seis ou sete casas construidas ao pé da torre, uma ermida velha que serve de venda, é quanto enfeitada a antiga colonia romana, e essas mesmas habitações arruinadas não são mais do que restos do castro levantado sobre os destroços da cidade. — Tal é em toda a parte a acção do tempo e o andamento dos seculos!

BIOGRAPHIA DE S. VICENTE DE PAULO.

(Continuado de pag. 141.)

N'um dia de festa, estando Vicente de Paulo para fazer uma exhortação aos fieis, M.^{me} de la Chassaigne o deteve por um instante e lhe rogou que commendasse á charidade dos seus comparochianos uma familia extremamente pobre, da qual tinham caído enfermos quasi todos os filhos e criados n'um casal a meia legua de Châtillon. Conformou-se elle com o pedido, e demonstrou com bastante energia aos seus ouvintes a necessidade de socorrer os pobres, sobre tudo quando a doença se ajuncta á indigencia e não estão no caso de se alliviarem por seus recursos, como succedia aos que alli recommendava: foi tão persuasivo que, depois da prégação, muitos dos que a ouviram foram visitar aquella familia pobre, e nenhum com as mãos vazias; levaram-lhe alimentos com profusão. Vicente, testemunha d'este zelo, não o achou bem entendido. — Eis-aqui (disse) um grande acto de charidade, porém não é bem regula-

do. Aquelles pobres terão muito provimento ao mesmo tempo, porém parte se estragará e perderá, e depois recairão na primeira mingua. Esta reflexão moveu Vicente de Paulo a examinar os meios pelos quaes se poderiam soccorrer com regularidade as familias que se achassem em igual precisão. Conferenciou com algumas pessoas ricas e caridosas, e por fim organizou a confraria. Vinte e quatro pessoas do sexo feminino, de Châtillon, foram as primeiras nomeadas para assistir aos enfermos, sob a direcção de uma regente que d'entre si escolheram. É notavel o regulamento escripto por Vicente de Paulo: citámos o artigo 10.º, como exemplo da singeleza e bondade que por todo elle respiram. — «Para que uma associação, que muitas vezes não é composta senão de pessoas obrigadas a viver do trabalho de suas mãos, não faça prejuizo ao governo da casa das que forem dignas de ser admittidas, as irmãs da confraria assistirão por seu turno aos doentes por um dia sómente. Prepararão o alimento dos enfermos e lh'o servirão por suas proprias mãos; procederão para com ellés como a mãe cheia de ternura para com o proprio filho; e procurarão distrahi-los e alegra-los se parecerem muito succumbidos da molestia.» — Os bons creditos e resultados da confraria foram rapidos, e começaram logo a imita-la em todas as cidades circumvisinhas, e depois em toda a Lorena, na Saboia e na Italia. A familia do conde de Joigny, da qual Vicente fôra preceptor, não podia costumar-se a viver separada do seu mestre; resolveu-o a recolher-se ao seu gremio, conservando porém a liberdade de fazer missões. Ao mesmo tempo visitava elle os hospitaes e as prisões. Em 1618 viu em París os calabouços dos forçados das galés, e commoveu-o por tal fórma o horrôso estado de desaceio, e padecimentos do corpo e alma, em que se achavam, que resolveu occupar-se de allivio d'esta classe de miseraveis. Alugou uma casa no arrabalde de Sancto Honorato, fê-la preparar com extrema diligencia, e conseguiu transportar para alli todos os forçados que estavam dispersos por differentes prisões de París. O conde de Joigny, que era o general das galés, lhe concedeu a faculdade de dispôr d'aquelles infelizes á sua vontade. Vicente de Paulo chegou a obter grande auctoridade na consciencia d'elles, e attrahiu grandemente para esta sua obra a opinião publica. Luiz XIII, sobre proposta do conde, nomeou-o capellão geral das galés de França. Seria por 1622 que Vicente, compadecido da desesperação que exprimia um condemnado com a idéa da miseria em que a sua ausencia sepultaria a sua familia, restituíra a esse homem a liberdade ficando no seu lugar com o consentimento do official de serviço; mas este facto tem sido mui contestado.

Em 1623 estabeleceu em Mácon duas confrarias da Charidade, uma de homens, outra de mulheres. Dois annos depois recolheu-se ao collegio denominado *des Bons-Enfans*, que fôra fundado em 1248, e que pelo novo regulamento fôra especialmente destinado a mandar para toda a parte missionarios — «para instruir o povo dos campos, e exercitar no sagrado ministerio aquelles a quem a salvação d'esse mesmo povo devia ser confiada de futuro.» — Vicente estava angustiado por causa da ignorancia e corrupção de grande parte do clero. — «Devemos (dizia elle) fazer algum esforço para acudir a esta urgente necessidade da Igreja, que se deteriora em muitas partes pela má vida dos sacerdotes; porque são elles que a arruinam e que a perdem; e a inda mal que é muita verdade que a depravação do estado ecclesiastico é a causa principal de se desamparar a Igreja de Deus.» — D'este modo a sua actividade e zelo in-

fatigaveis subiam ás origens do damno moral e do physico.

Instituiu em 1623 a congregação das irmãs da Charidade. É quasi o mesmo projecto que o das confrarias da Charidade; mas a experiencia tinha mostrado que a dedicação das senhoras ricas e nobres não podia manter-se por muito tempo, e ser tão assidua que fosse sufficiente para os cuidados que exigiam os doentes: julgou-se que a melhor resolução era ter serventes que se occupassem unicamente no tractamento dos pobres enfermos. Vicente associou-se a este plano, e o poz brevemente em practica. As primeiras irmãs da Charidade reuniram-se em 1633 sob a direcção de uma pessoa de grande virtude, M.elle Legras. A regra que Vicente formou para esta congregação, que mais tarde se devia estender por toda a França, respira prudencia e sabedoria: estabeleceu a differença que deve existir sempre entre as irmãs da Charidade e as religiosas, recommendando ás primeiras seguirem uma vida tão perfeita como se fossem claustraes; e acrescenta a este respeito: — «Ellas não teem ordinariamente por mosteiros senão as casas dos doentes, por cella um quarto de aluguer, por capella a igreja da sua parochia, por claustro as enfermarias dos hospitaes, por clausura a obediencia, por grade o temor de Deus, e por véu uma sancta e exacta modestia.» —

A compaixão de Vicente pelos *engeitados* era havia muito tempo vigilante; porém as circumstancias favoraveis para acudir a mais esta miseria não se lhe offereceram senão correndo o anno de 1648. Antes d'esta epocha os recém-nascidos, que se achavam expostos ás portas das igrejas ou nas praças publicas, eram levados pelos commissarios do Châtelêt para casa de uma viuva na rua St. Landry, que com duas criadas se encarregava de cuidar d'elles. Como o numero das creanças era grande e as esmolos mediocres, a viuva, por falta de sufficiente rendimento, não podia nem conservar amas bastantes, nem alimentar os desmamados; e assim a mór parte dos meninos morriam de debilidade, ou eram dados a quem os queria, e até vendidos por vil preço, ás vezes por vinte soldos. — Vicente rogou a algumas senhoras nobres que fossem áquella casa, e vissem se poderia evitar-se ou pelo menos diminuir-se tão grande mal. As senhoras horrorisaram-se do espectáculo que apresentava aquella multidão de creanças privadas de tudo; não podendo tomar á sua conta todos elles, quiseram encarregar-se de salvar a vida de alguns; tiraram doze á sorte, e, para os accommodar, alugaram em 1638, uma casa juncto á porta de S. Victor. Ensaíaram primeiro cria-los a leite de cabra ou de vacca; mas depois deram-lhes amas. Comtudo escaçavam recursos para ampliar este beneficio quanto era para desejar. Em 1640, Vicente convocou uma assembléa geral, e persuadiu ás senhoras, que se acharam presentes, encarregarem-se de maior numero de meninos. Para esta obra alcançou de Anna d'Austria e do rei doze mil libras de rendimento; porém as despesas eram cada vez mais peçadas. Algumas vezes estiveram a ponto de desanimar. Foi para reanimar a confiança e para fazer tomar um partido definitivo que Vicente reuniu, em 1648, nova assembléa geral, recitando um discurso em que se acham estas palavras: — «Emfim, senhoras, a charidade vos fez adoptar estas creaturinhas como filhos vossos. Tendessido mães d'elles segundo a graça depois que os abandonaram suas mães segundo a natureza: véde se tambem os quereis abandonar. Cessai agora de ser mães para serdes os juizes dos mesmos; a sua vida ou morte estão nas vossas mãos; eu vou recolher os votos e suf-

fragios ; é tempo de pronunciar a sua sentença e de saber se já não quereis ter misericórdia d'elles. Viverão se continuardes a tracta-los com charitativo desvelo, ao contrario morrerão, perecerão infallivelmente se os abandonardes : a experiencia não vos permite duvida. » — A assembléa só respondeu com lagrimas. Decidiu-se que, custasse o que custasse, se continuaria o que fôra tão bem começado : as creanças tiveram primeiramente por hospicio o hospital de Bicêtre ; mas era alli o ar muito agudo, e transportaram-n'as depois para o arrabalde de S. Lazaro, para o arrabalde de S. Antão, e para juncto de Nôtre-Dame.

A vida de S. Vicente de Paulo foi tão abundante e tão fecunda de inspirações charitativas que seria impossivel indicar todos os titulos por que elle merece a gratidão e a admiração da posteridade. Não fallaremos dos soccorros que colligiu em beneficio da Lorena, quando esta provincia foi assolada pelos suecos em 1639, a favor da Picardia e da Champagne nos alborotos da discordia cognominada da Fronde, a pró dos pobres sacerdotes irlandezes e escoczes durante a revolução ingleza. Passaremos em silencio os seus esforços para desarraigir o costume dos desafios, e os seus conselhos, muitas vezes asperos, á corôa para evitar as funestas dissensões do reino. — Era mister declarar tambem a parte que tomou nas missões destinadas a confortar, allumar e civilisar povos desgraçados, o zelo com que animou os padres que por convite de Innocencio X enviou a Madagascar. Custa a comprehendê-lo como um homem só, sem outra força mais que a sua palavra, pode prestar á humanidade tantos e tão differentes serviços, e diffundi-los em tanta latitude durante a sua vida e depois da sua morte. A charidade fez todos esses milagres. O nome de S. Vicente de Paulo é do pequeno numero d'aquelles que as nações modernas podem vantajosamente equiparar a quantas memorias illustres e bellas a antiguidade nos legou para honra-las. As glorias mais estrondosas do paganismo perdem o brilho em presença d'aquella virtude tão sincera, tão pura, tão engenhosa.

Eis-aqui o retrato que os historiadores nos deixaram de tão sancto varão. — Era de estatura mediana, tinha a cabeça grande e um tanto calva, testa espaçosa, olhos vivos, olhar meigo, porte grave, e grande affabilidade de maneiras : nos seus modos e gesto reinava aquella singeleza que annuncia a serenidade e rectidão do coração. Seu temperamento era bilioso e sanguineo, e robusta a compleição ; o captiveiro em Tunés verosimilmente a alterou, porque depois de restituído á França foi sempre mais sensível do que poderia suppor-se ás impressões atmosphericas, e por consequencia mui sujeito a ataques de febre — Era dotado de espirito vasto, circumspecto, e difficil de colher de improviso : quando se applicava seriamente a um negocio, descortinava todas as circumstancias grandes e pequenas, e antevia os inconvenientes e resultados. Quando não podia declarar logo o seu parecer, differia para da-lo até que houvesse pezado as razões pró e contra : mas, se por um lado não era apressado nos negocios, por outro não se assombrava com o numero d'elles, nem com as difficuldades que apresentavam ; proseguia-os com um vigor d'animo superior a todos os obstaculos, e applicava-se a isto com sagacidade bem ordenada e luminosa ; supportava o pezo d'elles, as fadigas e os vagares com uma serenidade e paz d'espirito de que só as almas grandes são capazes. Quando se offerencia tractar de algum assumpto importante, escutava com muita attenção quem fallava, sem nunca interromper : se al-

guem lhe cortava o fio do discurso, parava logo, e quando acabava o interlocutor, tomava o seguimento da oração com admiravel presença d'espirito. Posto que houvesse inventado bastante, ou, para melhor dizer, tivesse feito applicação da charidade sob muitas fórmas novas, estava longe de innovações em todo o genero ; dizia que — « o espirito humano é agil e bulicoso ; que os talentos mais agudos e mais illustrados não são sempre os melhores não sendo refreados ; e que mais seguramente caminham os que se não affastam da senda por onde passou a maioria dos sabios. » —

Crer-se-hia que em outra cousa não cuidava senão nos pobres ; nada o affligia tanto como vêr-se em circumstancias de não os poder confortar : a vista e até só o nome dos infelizes lhe causava uma compunção que se manifestava na exterioridade : pronunciava em tom repassado de ternura aquellas palavras das ladainhas : Jesus, pai dos pobres » ; e apesar de ser tão senhor de si, logo que lhe annunciavam qualquer grande necessidade de alguma familia ou de algum particular, divisavam-se-lhe no rosto todos os signaes de um homem penetrado de afflicção.

Bossuet, em uma carta a Clemente XI, explica-se a respeito de S. Vicente de Paulo da maneira seguinte : — « Tivemos a fortuna de o conhecer logo em nossos tenros annos. As suas piedosas practicas e prudentes conselhos não contribuíram pouco para nos inspirar o gosto da verdadeira e solida piedade e o amor á disciplina ecclesiastica. Na idade avançada em que nos achámos não podemos recordar-nos d'isto sem alegria extrema . . . Nunca fallava que cada um de nós o não ouvisse com insaciavel avidez, e não sentisse em seu coração que Vicente era um d'esses homens de quem o Apostolo diz : — Se algum fallar, pareça que falla Deus pela sua bocca. — »

Vicente de Paulo passou á eterna vida a 27 de setembro de 1660 : a noticia d'este acontecimento espalhou geral consternação na França. Foi recitada a sua oração funebre por Henrique, bispo de Puy, na igreja de St. Germain-l'Auxerrois. O breve da sua beatificação é datado de 13 d'agosto de 1729.

MAHOMET OU MAFOMA.

(Vide pag. 96.)

A VIDA de Mahomet, Mafoma ou Mafamede, como lhe chamaram os nossos escriptores antigos, é um assumpto grave e digno de attenção.

Pertencia Mafoma á tribu dos coraichitas, a mais antiga da Arabia, e os seus antepassados descendiam de Ismael filho de Abrahão (1). Estava n'este tempo sujeita a Arabia a estranho jugo ; os imperadores de Constantinopola, os reis da Persia e da Abyssinia occupavam militarmente a maior parte das provincias da peninsula. Só Meca e as terras sertanejas haviam conservado a sua independencia, sem que lhes alterasse a tranquillidade senão a turbulencia inherente aos costumes dos povos nomades. Além d'isso, Meca era citada como a primeira cidade da Arabia ; a memoria d'Abrahão e de Ismael, a vantagem de encerrar nos seu muros a Caaba ou casa

(1) Nasceu em Meca na segunda metade do decimo oitavo seculo, (pelo anno de 569 de J. C.) Consultae o excellente trabalho de Mr. Reinaud, assim como a *Vida de Mahomet* por Gagnier ; a que Savary poz na frente da sua traducção do Koran ; e a obra de Mr. Grassi, publicada com o titulo de Carta turca, etc.

quadrada, a tornavam um como sanctuario para os arabes. Mas a dominação de tantos povos diversos exercera poderosa influencia nos animos. As provincias sujeitas aos romanos e abissynios quasi que não eram povoadas senão de christãos e judeus, a religião dos sabeus e dos magos dominava nas provincias persas, as outras seguiam o culto dos idolos.

Os habitantes de Meca, principalmente, se tinham dado a todas as practicas do paganismo. Viam-se dentro da Caaba as estatuas de Abrahão e Ismael com sete flechas na mão, por meio das quaes os idolatras suppunham adivinhar o futuro. Da parte de fóra estavam dispostas trezentas e sessenta estatuas, cada uma das quaes presidia a um dos dias do anno. Umias representavam anjos, outras planetas e estrellas; todas ellas tinham o seu culto especial, os seus adoradores, as suas offerendas. Invocavam-n'as para que fizessem descer a chuva do céu e amadurecer as meses; algumas, segundo diziam, davam thesouros e favoreciam o nascimento dos meninos, como o Pluto e a Lucina dos antigos. Cada tribu, cada familia, podia escolher a divindade que lhe convinha; chegavam a sacrificar victimas humanas a estes deuses de páu, de pedra, de cristal e de bronze.

Mafoma nasceu na idolatria; os seus avós, por muitas gerações, não tinham seguido outro culto. Cedo perdeu seu pai Abdala e sua mãe Amina, dos quaes herdou unicamente omco camellos e uma escrava ethiope. Mas seu avô, que era um magistrado venerando na Meca, tomou conta na sua educação; e por morte d'este parente, seu tio Abou-Thaled o recebeu em casa. Contava apenas Mahomet treze annos quando empreendeu com seu tio a primeira viagem á Syria. Usavam então os de Meca, ainda os mais illustres, dar-se ao commercio; elles transportavam para Damasco os aromas e perfumes da India e da Arabia, recebendo em troca trigo, e os pannos e productos do Occidente. Todavia a pobreza de Mafoma oppunha-se á sua elevação; Cadigia, rica viuva de Meca, tomou a seu cargo remover este obstaculo, confiando a direcção do seu commercio ao moço Mahomet, com quem depois casou. Thabari, na sua chronica arabe, celebrou a magnificencia das vodas e o esplendor dos novos esposos. Cadigia estava a completar então os quarenta annos, em quanto que Mahomet ainda não tinha vinte e cinco.

Mahomet, desde o momento em que se viu senhor d'uma fortuna immensa, premeditou, conforme tudo induz a crer, a revolução que em breve havia de effectuar. As viagens tinham-lhe esclarecido o entendimento, e profunda impressão lhe devêra fazer o culto dos judeus e dos christãos. Só elles, com effeito, repelliam a idolatria; só elles reconheciam um Deus unico, a quem tributavam adoração. Mahomet, que tinha feito lhe lessem os livros do Velho e Novo Testamento, deu muitas demonstrações de respeito aos christãos e aos judeus; não contente com admitir os livros sanctos como base da sua religião, adoptou ao principio muitas das suas ceremonias. A historia nada diz ácerca d'esta primeira parte da sua carreira; sabe-se comtudo que se retirava todos os annos para uma caverna visinha a Meca para meditar sobre as cousas celestes. Disse-se que Mahomet não sabia ler nem escrever, o que é pouco provavel. Talvez que elle quizesse inculcar uma ignotancia completa para prova de que as suas prégações futuras não podiam ser filhas do raciocinio de um homem privado de toda a instrucção, e que as suas palavras só deviam ser consideradas como inspirações do Altissimo.

Divulgou-se a final a sua falsa missão. Um dia que estava encerrado na caverna, appareceu-lhe, segun-

do elle mesmo contou, o anjo Gabriel, e mostrando-lhe as instrucções que trazia dos céus, saudou-o com o titulo de apostolo do Eterno. Mahomet voltou logo para casa e deu parte da sua aventura a Cadigia, a qual, sem hesitar, lhe deu credito. Este exemplo foi seguido por Ali, filho de Abou-Thaleb, e tambem por Abou-Bekr, que succedeu a Mafoma. A nova religião contou em breve no numero dos seus discipulos Osman e outros personagens celebres. Todos elles tiveram o nome de *musulmanos*, d'uma palavra arabe que significa « entregar-se nas mãos de Deus » Firmava-os Mahomet na sua crença, e fortalecia-lhes o zelo por meio de revelações, que dizia receber do céu de tempos a tempos. Ao cabo de tres annos de occultas diligencias resolveu Mahomet apparecer ao dia claro; convidou para um banquete os seus tios e outros parentes que tinham até alli persistido no culto dos idolos, e expoz aos convidados os vicios da idolatria; provou-lhe que debalde esperariam bens de imagens informes que não viam nem ouviavam: « Ha ahí entre vós alguém que queira ser meu visir e meu immediato, exclamou elle, como Aarão o foi antigamente de Moysés? » Ao ouvir estas palavras o joven Ali, que apenas tinha doze annos, respondeu: « Sim, apostolo de Deus, serei teu visir, teu immediato. »

Fazia progressos a nova religião. Entre os proselytos notava-se Hamza, tio de Mafoma, e Omar que depois foi kalifa. O primeiro, com um genio fogoso e irritavel, foi attrahido pelas perseguições que começavam a suscitar contra seu sobrinho; ao segundo tocou-lhe o coração a leitura d'uma passagem do Koran. Á medida que o poder do innovador crescia, mais se irritavam os seus inimigos; e já as duas parcialidades se não encontravam sem travar brigas. Mahomet resolveu dissimular, e esteve algum tempo escondido, limitado ao tracto dos seus amigos. No tempo das ceremonias da peregrinação, quando em Meca se reuniam todas as tribus da Arabia, aproveitou-se d'este immenso concurso do povo para insinuar a sua doutrina aos estrangeiros; tomava-os de parte, e recitando-lhes alguns capitulos do Koran, dizia-lhes: « Eu sou o apostolo de Deus; o livro que vos annuncio prova a verdade da minha missão. O senhor vos manda que rejeiteis o que é indigno d'ella; e que o sirvaes a elle só; quer tambem que creaes em mim e que me obedeçaes. »

Chegaram entretanto a Meca alguns idolatras de Medina. Idolatras e judeus da tribu de Levi occupavam ao mesmo tempo esta cidade. N'uma guerra que se accendêra entre as duas nações tinham os judeus sido vencidos e reduzidos a captiveiro; ora, no excesso dos seus males, exclamavam algumas vezes: « Se o Messias viesse, iriamos ter com elle, e nos libertariamos da tyrannia d'estes. » Os idolatras de Medina, quando chegaram a Meca, tendo ouvido falar d'um novo propheta, disseram uns aos outros: « Quem sabe se elle será o propheta de que nos fallam os judeus? Vamos ter com elle, e chamemo-lo ao nosso partido. » Appresentaram-se pois a Mahomet, que lhes prégo a unidade de Deus, e subitamente se pozeram á sua obediencia. Tal era o ardor do zelo d'estes neophytos, que quando chegaram a Medina propagaram o novo culto. Grande numero de habitantes se converteram ás suas prégações, e dentro em pouco quasi que não havia casa em Medina que não tivesse alguns musulmanos.

Esta victoria inspirou desmedida confiança a Mahomet. Até então tinha convindo que lhe faltava o poder de fazer milagres; em vão lhe disseram um dia os seus adversarios: « Tu sempre nos estás a citar os exemplos de Abrahão, de Moysés, e de Jesus;

porque não fazes tu milagres, como elles fizeram, para que possamos crêr em ti ? » E depois apontando para um comoro de terra vermelha que está nas vizinhanças de Meca, accrescentaram : « Eis alli está um comoro de terra, muda-o em ouro, e nos daremos por vencidos. » Mahomet contentava-se com responder-lhes que ainda que houvessem Abrahão, Moysés, e Jesus feito milagres, nem por isso tinham os homens melhorado ; que, além d'isso, quando o Eterno se decidia a derogar as leis que estabelêra, não deixava de punir com rigor os que recusavam crêr nos signaes do seu poder, e que elle não queria chamar esta desgraça sobre a sua infeliz patria.

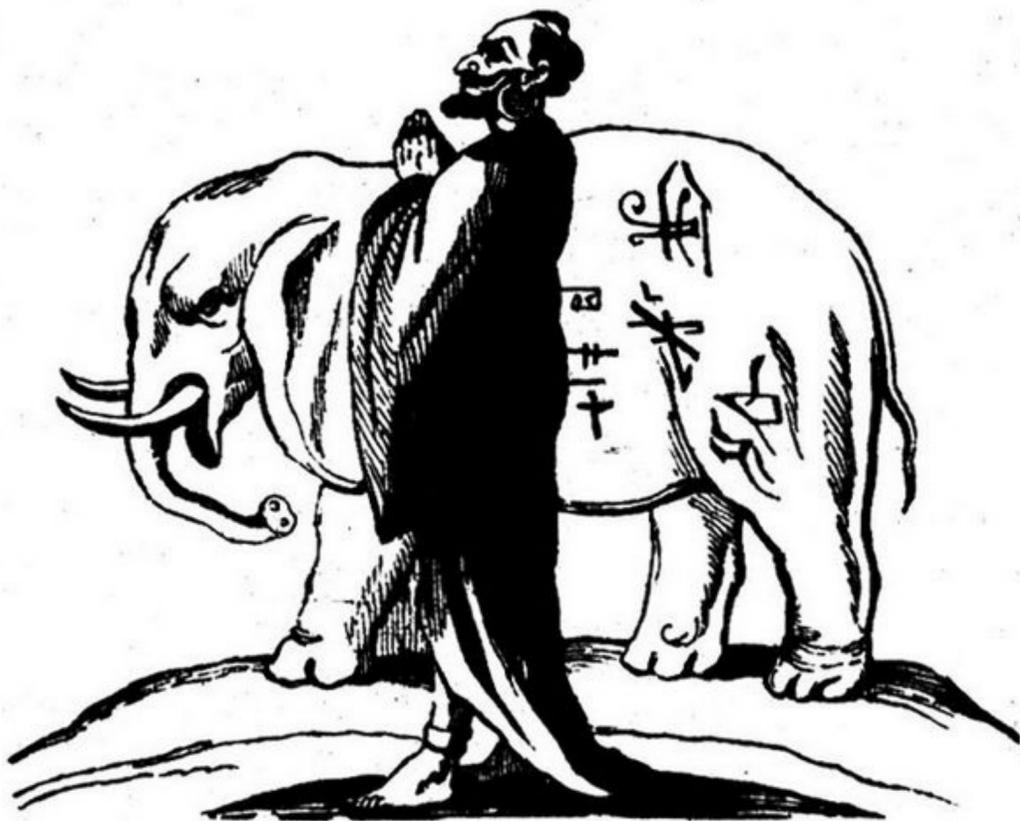
(Continúa.)

O ELEPHANTE DE SIÃO.

Os povos de Sião e do Pegú consideram os elephantes brancos como os mais excellentes da especie, quan-

do na realidade não são mais do que albinos, aberrações da casta como os pretos brancos : aquellá alvura deslavada da pelle, que entre aquella gente lhes dá tanta honra, é o symptoma de uma frouxidão nascida de enfermidade, espalhada em toda a sua economia animal. Os homens, e certos mamaes, principalmente os ratos e coelhos, algumas aves, como os corvos, gralhas e melros, e outros muitos animaes, appresentam esta alteração, ou temporaria ou vitalicia.

Todavia, não é só a raridade dos elephantes brancos que lhes attrahiu a veneração dos siamezes e pegús ; idéas symbolicas e tradições fabulosas explicam o culto d'estes gentios. — A cor branca em todos os tempos e em todas as religiões foi symbolo da sabedoria e da pureza. — A gravura curiosa, de que estampamos um *fac simile*, foi aberta conforme um desenho do padre Couplet, jesuita, procurador das missões da China ; na mesma se vê impresso na parte inferior um lettreiro que diz assim : — « Xé-Kiam,



principe dos bonzos, é o xaca dos japões. Conta-se que sua mãe, tendo visto um elephante branco, andou grávida dezoito annos e morreu do parto : seu filho assentou que devia retirar-se do mundo para fazer penitencia ; estudou com quatro mestres, e ensinou por quarenta e nove annos : entrou na China sessenta e tres annos depois do nascimento de Christo. » —

No diario da embaixada a Sião refere o padre Choisy que viu no meio do segundo pateo do palacio real um elephante branco, que custára a vida a muitos mil homens nas guerras do Pegú. — « É assaz corpulento, mui velho, todo rugoso, e com os olhos franzidos. Estão sempre ao pé d'elle quatro mandarins com ventarolas para o refrescarem, com espanejadores para afugentar as moscas, e umbellas para o resguardarem do sol quando passeia. É servido em baixella de ouro : a agua que lhe dão está previamente depositada seis mezes, na persuasão de que a mais antiga em casa é a mais sadia. Dizem, mas não o vi, que ha um elephante branco pequeno, destinado para succeder ao velho quando este morrer. »

N'outra passagem conta o padre nos termos seguintes as causas e consequências das guerras do Pegú. — « Tendo sabido o rei do Pegú que o rei de Sião tinha sete elephantes brancos, mandou-lhe pedir um ; recusaram-lh'o redondamente : tornou a repetir o pedido ameaçando vir demanda-lo á testa de dois mi-

lhões de combatentes : zombaram das suas ameaças. Veiu com effeito, assediou por muito tempo a cidade de Sião, levou-a á viva força ; porém não entrou no palacio do rei, e mandando levantar dois tablados iguaes diante da porta, um para si, outro para o rei de Sião, ahi com grande cerimonia renovou as suas exigencias, que n'aquelle caso eram ordens. Pediu primeiramente seis elephantes brancos, que lhe foram entregues : disse depois com muito affecto para o rei de Sião que amava infinito a seu filho segundo, e lhe rogava quizesse commette-lo a seu cuidado para o educar : d'este modo, com muita civilidade, tomou quanto quiz, e recolheu-se ao Pegú com riquezas immensas e grandissimo numero de escravos. Não tocou nos pagodes, porque a religião de ambos os reinos é a mesma : apenas um dos seus soldados, entrando n'um pagode real, cortou a mão a uma estatua d'ouro ; depois lhe pozeram outra, e eu vi o signal do golpe. »

A veneração dos siamezes aos elephantes brancos não parece ser hoje menor que no seculo XVII ; tributam-lhes ainda as mesmas honras. — « Cadaum d'esses elephantes (diz um viajante moderno) tem estrebaria separada, e dez guardas por criados. As prezas dos machos são guarnecidas de campainhas d'ouro, uma rede de fio d'ouro lhes cobre o alto da cabeça, e tem segura no lombo uma almofadinha de veludo bordado : tem o titulo de reis dos elephantes,

e differenciam-n'os por sobrenomes tirados da sua belleza comparativa, da estatura, ou de certas qualidades de instincto.» —

Na primeira serie d'este jornal acham-se, ácerca dos elephantes, noticias mui curiosas extrahidas dos nossos escriptores antigos.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Ma per far la to vendetta,
Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Sta siguru, vasta anche ella.
Lament. funeb. de Niolo.

II

Que linda noite, e que brando luar a fugir pelo dorso das ondas, em quanto a briza ligeira assopra nas velas do hiate!

Miss Lidia não tinha vontade de dormir. Mal suppoz todos deitados, enrolou um chale em volta do pescoço, e acordando a sua aia, subiu á tolda, Ninguém lá estava, á excepção do marinheiro do leme, entretido a cantar uma especie de xacara em tom aspero e monotonico. Os versos fallavam de assassinos, de vingancas, e de uma victima; porém tudo vago e confuso. Alguns que lhe ficaram de memoria, traduzidos do dialetico corso, pouco mais ou menos diriam o seguinte:

« No seio das batalhas, sereno como o céu do estio, sem bater o coração, nem desmaiarem as faces, affronta o estourar da metralha e o embater do ferro contra o peito. Ubauso, como uma creança para os que amava, foi terrivel como o temporal dos mares para os inimigos. Os covardes assassinaram-n'o pelas costas; que de rosto não ousavam! . . . Lá está pendente do seu leito a camiza tineta de sangue e a cruz honrosa dos fortes. . . é a herança legada a seu filho, ausente em longes terras; por duas baltas que lhe romperam o peito, outras duas o hão de vingar. Seca seja a mão que atirou — sem luz o olho que apontava — e o coração que meditou o crime, oh! tambem esse ha de morrer.»

De repente o marujo calou-se. Miss Nevil perguntava-lhe por que não proseguia; quando elle, abanando a cabeça, lhe mostrou uma figura immovel alguns passos atraz. Era Orso, o tenente corso.

— « Por que não nos canta o mais? » insistiu ella.

— « Deus me livre de dar o kimbécco a ninguem, » respondeu o tritão em voz baixa.

— « Dar o que? . . . o? »

O marinheiro sem replicar assobiou uma aria selvagem.

— « Tenho a satisfação, minha senhora, de a surprehender admirando o nosso Mediterraneo, disse Orso adiantando-se; espero que me ha de confessar que o bello luar d'este céu não se vê senão aqui. »

— « Sim? e eu que nem reparava n'elle! . . . Estava-me entretendo a estudar o corso. Este marinheiro, no meio de uma xacara tragica, interrompe-se justamente no mais interessante e . . . »

O marujo puxou com força o chale de Miss Nevil, como para a advertir de que a sua xacara não podia ser cantada diante do tenente Orso.

— « O que é que tu cantavas, Paolo France? Era uma ballata? um vocero? Esta senhora entende, e desejava muito ouvir o fim. »

— « Não me lembra mais, Orso Anton'. » — E entoou logo um cantico á Virgem.

Miss Lidia jurou que havia de descobrir cedo ou tarde a chave d'este enigma; mas a aia, que nascera em Florença e não sabia o corso, era pelo menos tão curiosa como sua ama; virando-se para Orso, perguntou-lhe:

— « O que significa a palavra kimbécco? »

— « Kimbécco! redarguiu Orso; é a maior injuria que se pôde dizer a um corso — é deitar-lhe em rosto não se ter vingado. Quem fallou de kimbécco aqui? »

— « Ouvimo-lo hontem em Marselha ao mestre do hiate, » atalhou immediatamente Miss Nevil.

— « E a quem alludia? » insistiu Orso com vivacidade.

— « A ninguem; a nada. Ah! era a antiga historia de Vanina d'Ornano. »

A conversação parou aqui. Miss Lidia retirou-se passados instantes, e Orso pouco depois. Mas apenas elle descera, a curiosa aia subia de novo e fazia um interrogatorio formal ao marujo do leme; e o resultado veio cochicha-lo ao ouvido de sua ama assim que o apurou. Era o caso: — que a ballata parou porque fora feita á morte do coronel della Rebia, pai de Orso, assassinado já em dois annos. O marinheiro accrescentára mais que o mancebo vinha vingar-se de três pessoas accusadas pelas suspeitas de terem commettido o crime. — « Na Corsega não ha justiça, perorou o marujo, e val mais uma boa espingarda do que seis bécas. Quando alguém tem um inimigo deve escolher de tres SS um — schiopetta, stiletto, strada — clavina, punhal, ou fuga. »

Estes esclarecimentos mudaram inteiramente o animo de miss Nevil ácerca do tenente della Rebia. A franqueza e indifferença, que no principio a desgostavam d'elle, agora attribuia-as á romanesca ingleza á dissimulação profunda de uma alma energica, que pôde e sabe domar os mais intimos sentimentos. Orso affigurou-se-lhe desde este momento semelhante a Fiesqui, cobrindo com apparente deleixo vastos projectos. Só então notou que os olhos do mancebo eram vivos e rasgados; os dentes d'alvura do marfim; e o talhe esbelto, realçando tudo pela polidez do tracto. As conversações, em que depois o empenhou de proposito, acabaram de a convencer ainda mais da exactidão da sua hypothese; decidindo sem appellação que os manes do coronel della Rebia pouco tempo mais bradariam debalde por vingança.

No fim de tres dias de navegação desenrolou-se diante da vista dos viajantes o admiravel panorama do golpho d'Ajaccio, com razão comparado á formosa bahia de Napoles. No instante, mesmo, em que o hiate entrava no porto, uma queimada, envolvendo em fumo a punta di Girato, recordava o Vesuvio. Aqui e além nos topos das montanhas em redor da cidade destacavam do azul do céu casas brancas e humildes, meias vestidas de massiços de verdura. São as capellas funebres, os carneiros das familias. N'esta paizagem os objectos revestem-se todos de uma belleza grave e triste.

A vida dos viajantes na Corsega era monotona e melancolica. Mais de uma vez se arrependeu Lidia do seu projecto; porém já não tinha remedio. De manhã, em quanto ella desenhava ou escrevia, o coronel partia para a caça com o tenente Orso. Jantavam ás seis horas, e depois a bella lady cantava ao piano, sir Thomaz Nevil resonava, e o mancebo ficava longas horas a conversar com sua filha.

Uma d'essas manhãs, pouco antes de voltarem os caçadores, miss Nevil, que saíra a passeiar á beiramar com a sua aia, já se retirava, quando viu uma mulher ainda moça, vestida de preto, e montada

n'um cavallo pequeno, mas robusto. A formosura ingenua do seu rosto; o gracioso véu de seda escura chamado *mezzaro*, e as tranças de um louro cendrado enroscadas em fôrma de turbante no alto da cabeça provocaram a attenção de Lidia, que leu no semblante da estrangeira a inquietação e a tristeza luctando com o orgulho.

Miss Nevil teve bastante tempo para a examinar; porque depois de fazer algumas perguntas na rua com muita viveza, a donzella tocou a vara no cavallo e metteu a trote até lhe colher as redeas á porta da hospedaria do coronel; e trocando poucas palavras com o estalajadeiro, saltou da sella, e foi assentar-se n'um poial de pedra ao lado da entrada principal. D'ahi a breves instantes sir Thomaz e Orso appareceram, e um homem velho lhe segredou um momento ao ouvido, apontando com o dedo para della Rebia. Ella ergueu-se de repente, adiantou-se uns passos, e estacando subitamente parou immovel e irresoluta. Orso contemplava-a com interesse e pãsmo.

— « É Orso della Rebia com quem fallo? perguntou commovida. Um aceno de cabeça respondeu-lhe que não se enganava.

— « E eu sou Colomba. »

— « Colomba! » bradou Orso. E deitou-se-lhe nos braços, e beijou-a ternamente na face, com grande assombro do coronel e de sua filha.

— « Meu irmão, perdoa o ter vindo sem tua ordem — disseram-me amigos meus que estavas aqui, e era tanta a impaciencia de te ver. . . »

Orso tornou a beijá-la, e virando-se para sir Thomaz :

— « É minha irmã — que eu não conhecia se não se nomeasse — Colomba, apresentou-te o coronel sir Thomaz Nevil. Coronel, desculpe-me : hoje não posso ter a honra de jantar na sua companhia. »

— « Qual ! Não consinto. Minha filha terá o maior prazer com a companhia d'esta senhora. »

Fizeram-se na sala os cumprimentos do estylo, e Colomba, depois de ir ao toucador de Lidia cuidar do vestido, entrando no aposento deteve-se a admirar as espingardas do coronel encostadas a um vão.

— « Boas armas — disse ella. — São tuas, meu irmão? »

— « São as espingardas inglezas do coronel — tão perfectas como certas. »

— « Muito bom era teres tu uma assim. »

— « E tem — acudiu o coronel — d'estas tres uma é d'elle. »

Orso agradeceu, e sir Thomaz, dando-as a escolher a Colomba, não ficou pouco admirado de vêr a donzella indicar a menos ornada, e mais certa das espingardas.

O tenente sorriu, e Lidia, voltando-se para Orso, disse-lhe ao ouvido — « Um guerreiro não escolhia melhor. »

— « Na Corsega, senhora, é preciso que todos se familiarisem com as armas. Ninguem pôde dizer que não prebizará de as empregar. »

Miss Nevil attribuiu ao pensamento de vingança estas palavras, e respondeu só :

— « É uma terra, então, onde a vingança é uma necessidade? »

— « Não, senhora, atalhou Colomba com firmeza — é uma terra, onde o covarde que não soubesse vingar o sangue innocente derramado, faltaria ao mais sagrado dever — e teria de se esconder da face dos homens. »

E olhava com ardor para seu irmão. Orso, arrancando um suspiro profundo — encostou o rosto aos punhos e caíu n'uma sombria meditação.

Era evidente. Uma tragedia ia succeder á chegada de della Rebia á sua patria.

Lidia suspirou tambem. . . Porque ?

Bem facil de adivinhar seria para quem lêsse nos olhos azues e transparentes — o segredo que nem a si mesma ella ainda ousava confessar.

OS TEMPLARIOS.

(Continuado de pag. 144.)

« Na segunda feira, 18 de maio, os commissarios pontificios encarregaram o prioste da igreja de Poitiers e o arcediogo de Orléans de procurarem da sua parte o veneravel padre em Deus, arcebispo de Sens, e seus suffraganeos, para reclamarem os defensores da ordem, Pedro de Boulogne, Guilherme de Chambonnet, e Beltrão de Sartiges, de modo que podessem ser conduzidos, debaixo de segura guarda, todas as vezes que elles commissarios o requeressem, para a defeza da ordem. » — E tiveram o cuidado de acrescentar : « que não queriam de modo algum causar impedimento ao arcebispo de Sens e ao concilio, mas sómente desencarregar a sua consciencia. »

« Pela tarde, a comissão reuniu-se na igreja de Sancta Genoveva, na capella de S. Eloy, e receberam os conegos que vinham da parte do arcebispo : este respondia que havia dois annos que se instaurára processo contra os cavalleiros acima nomeados como membros particulares da ordem ; que queria termina-lo segundo a forma do mandato apostolico ; que, quanto ao mais, não intentava de modo algum perturbar os commissarios em seu officio. » — Horrosa derisão ! —

« Tendo-se retirado os enviados do arcebispo de Sens, conduziram perante os commissarios a Raynaldo de Pruin, Chambonnet, e Sartiges, os quaes annunciaram que tinham separado d'elles Pedro de Boulogne, sem que soubessem o porque ; accrescentando que elles eram homens simples e sem experiencia, além d'isso estupefactos e perturbados, de sorte que nada podiam dispor e dictar para defeza da ordem, sem conselho do dicto Pedro. Por isso supplicavam aos dictos commissarios que o mandassem comparecer e ouvir, e saber para que fóra retirado d'elles seus companheiros, e se queria persistir na defeza ou abandona-la. Os commissarios ordenaram ao prioste de Poitiers e a João de Teinville que no outro dia trouxessem á sua presença o dicto freire. »

Não consta que no dia seguinte comparecesse Pedro de Boulogne ; porém uma multidão de templarios vieram declarar que abandonavam a defeza. No sabbado, a comissão desamparada por mais um dos seus membros, addiu-se para 3 de novembro proximo. — N'esta epocha, ainda menos numerosos eram os commissarios ; estavam reduzidos a tres : o arcebispo de Narbonna tinha deixado Paris por serviço do rei ; o bispo de Bayeux achava-se juncto ao papa da parte do rei ; o arcediogo de Maguelone estava doente ; o bispo de Limoges pozera-se a caminho para assistir á comissão, mas o rei lhe mandára dizer que era preciso prorogar o caso até o proximo parlamento. Os membros presentes mandaram comtudo perguntar á porta da sala se havia alguma cousa a dizer a pró da ordem do Templo : — ninguem appareceu.

A 27 de dezembro os commissarios proseguiram nos interrogatorios, e tornaram a reclamar os dois

principaes defensores da ordem; mas o cabeça de todos, Pedro de Boulogne, tinha desaparecido; e o seu collega, Raynaldo de Pruin, não podia já responder, segundo diziam, tendo sido exauctorado pelo arcebispo de Sens: vinte e seis cavalleiros, que já tinham prestado juramento como testemunhas, foram retidos pelas justiças do rei, e não puderam comparecer.

É cousa admiravel que no meio de todas estas violencias e n'um tal perigo se achasse certo numero de cavalleiros para sustentar a innocencia da ordem; mas foi rara esta coragem: a pluralidade estava subjugada pela impressão de profundo terror.

A perdição dos templarios era por toda a parte accelerada com encarniçamento nos concilios provinciaes da França; acabavam de ser queimados mais nove cavalleiros em Senlis: os interrogatorios fizeram-se debaixo do terror das execuções: o processo estava suffocado nas chammas. . . A commissão pontificia continuou as suas sessões até 11 de junho de 1311: o resultado dos seus trabalhos está consignado n'um registo, que termina por estas palavras. — » Por accrescimento de precaução depositámos o dicto processo, redigido pelos notarios em acta authentica, no thesouro de N. Sr.^a de París, para não ser exhibido a ninguem senão por lettras especiaes de vossa sanctidade. » —

Em todos os estados da christandade foi supprimida a ordem, como inutil ou perigosa: os reis lhe tomaram as propriedades, ou as deram a outras ordens; mas os individuos foram poupados; o tractamento mais severo que soffreram foi serem prezos em mosteiros, muitas vezes nos seus proprios conventos: foi a unica pena a que na Inglaterra condemnaram os cabeças da ordem que se obstinaram a negar.

Os templarios foram condemnados na Lombardia e Toscana, e absolvidos em Ravena e Bolonha. Os templarios d'Allemanha justificaram-se á maneira dos juizes-francos da Westphalia; apresentaram-se com armas perante os arcebispos de Moguncia e de Treves, affirmaram a sua innocencia, voltaram as costas ao tribunal, e retiraram-se pacificamente. Em Castella julgaram-n'os innocentes: no Aragão onde tinham praças fortes metteram-se n'ellas e resistiram, principalmente na sua celebre fortaleza de Monçon: o rei d'Aragão ganhou estas praças; e nem por isso foram peor tractados. Em Portugal deram fundamento á ordem de Christo. Não era por certo na Hespanha, á frente dos mouros, na terra classica da cruzada, que pensariam em proscriver os antigos defensores da christandade. O procedimento dos outros principes para com os templarios era uma satyra contra Philippe o formoso. O papa censurou esta brandura; exprobrou aos reis d'Inglaterra, de Castella, do Aragão, e de Portugal o não terem empregado os tractos; Philippe o fizera duro, quer cedendo-lhe parte dos despojos, quer abandonando-lhe o julgamento de Bonifacio: o rei de França se decidira a ceder algum tanto n'este ultimo ponto; porque tudo estava agitado ao redor de si: os estados a que estendia a sua influencia parecia estarem dispostos a evadir-se-lhe. Os barões inglezes queriam derribar o governo dos validos de Eduardo 2.^o, que os abatèra para com a França. Os gibelinos da Italia aclamavam o novo imperador, Henrique de Luxemburgo, para deporem o neto de Carlos d'Anjou, o rei Roberto, grande lettrado e miseravel rei, que só era habil na astrologia. A casa de França arriscava-se a perder o seu ascendente sobre a christandade. O imperio, que haviam reputado morto, ameaçava tornar á vida. Dominado por estes receios, Philippe permit-

tiu a Clemente declarar que Bonifacio não era heretico (1), assegurando todavia que o rei tinha obrado sem malignidade, e que antes, como outro Sem, teria coberto o opprobrio, a nudez paterna. . . Nogaret tambem é absolvido com condição de que ha de ir á cruzada (se houver cruzada) e servir toda a vida na Terra Sancta; no entanto fará tal e tal romaria. O continuador de Nangis accrescenta maliciosamente outra condição, e vem a ser, que Nogaret deixará por seu herdeiro o papa. — D'este modo houve compromissos: o rei cedeu a respeito de Bonifacio, e o papa abandonou-lhe os templarios: entregava os vivos para salvar um morto; porém este morto era nada menos que o pontificado. — Feitos estes concertos familiarmente, restava faze-los approvar pela igreja.

O concilio de Vienna abriu-se a 16 de outubro de 1312, concilio ecumenico, em que tomaram assento mais de trezentos bispos; porém foi ainda mais solemne pela gravidade das materias do que pelo numero dos assistentes. Primeiro devia tractar-se da redempção dos sanctos logares; todo o concilio fallava n'isso, cadaum principe tomava a cruz, e todos ficavam em casa: não passava de um meio de tirar dinheiro. O concilio tinha que regular dois grandes negocios; o de Bonifacio e o do Templo. Logo em novembro se apresentaram aos prelados nove cavalleiros offerecendo-se animosamente a defender a ordem, e declarando que mil e quinhentos ou dois mil dos seus estavam em Lyão ou nas montanhas visinhas, promptos a sustenta-los. Espantado com esta declaração, cū antes com o interesse que inspirava a dedicação dos nove, o papa os mandou prender. D'ahi por diante não ousou reunir o concilio; teve os bispos inactivos todo o inverno, n'aquella cidade estrangeira, longe das suas terras e dos seus negocios, esperando sem duvida vencê-los pelo tedio, e conversando-os um por um. O negocio dos templarios foi de novo começado na primavera: o rei apossou-se de Lyão, que era o asylo d'elles. Os burguezes o tinham chamado contra o seu arcebispo; aquella cidade imperial estava desamparada pelo imperio, e fazia muita conta ao rei, não só como o vinculo do Saone e do Rhodano, e a ponta da França para leste, e como cabeça da estrada para os Alpes e a Provença; mas sobre tudo como asylo de descontentes, e ninho dos hereticos. Philippe ahi convocou uma assembléa dos principaes da terra: depois veio assistir ao concilio com seus filhos, os seus magnates, e um grande sequito de gente armada; e tomou assento, um pouco mais baixo, ao lado do papa. Os bispos se mostraram pouco doces, obstinando-se em querer ouvir a defeza dos templarios. Os prelados d'Italia, menos um só, os de Hespanha, d'Allemanha e da Dinamarca, os d'Inglaterra, Escocia e Irlanda, e até os francezes, subditos de Philippe (á excepção dos arcebispos de Rheims, Sens, e Ruão) declararam que não podiam condemnar sem audiencia. Foi forçoso, por tanto, que depois de haver ajunctado o concilio, o papa se dispensasse d'elle: convocou alguns prelados de mais confiança, alguns cardeaes; e n'este consistorio aboliu a ordem por auctoridade pontificia. Foi promulgada depois a abolição na presença do rei e do concilio; e nenhuma reclamação appareceu.

(Concluir-se-ha.)

(1) Esta tímida e incompleta reparação não parece sufficiente ao escriptor Villani; e accrescenta, sem duvida para tornar o assumpto mais dramatico e mais vergonhoso para os francezes, que dois cavalleiros catalães lançaram a luva e se offereceram para defender em cōmbate a innocencia de Bonifacio.